



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

A TEORIA DA MEMÓRIA COLETIVA: CONSIDERAÇÕES EM TORNO DE SUA CONTRIBUIÇÃO PARA AS PESQUISAS SOBRE INSTITUIÇÕES ESCOLARES

Camila Nunes Duarte Silveira
(UESB)

Gilneide de Oliveira Padre Lima**
(UESB)

Lívia Diana Rocha Magalhães***
(UESB)

RESUMO

O presente texto objetiva assinalar que o tema da memória coletiva ainda é pouco estudado nas pesquisas em instituições escolares no Brasil. Frente a isto, alçamos a discussão sobre a importância da análise da memória coletiva, tempo e espaço aportadas pelo sociólogo Maurice Halbwachs evidenciando as possíveis contribuições para os estudos das instituições escolares no âmbito da História da Educação.

PALAVRAS-CHAVE: Instituições Escolares. Memória Coletiva. Tempo-Espaço.

INTRODUÇÃO

As pesquisas relacionadas às instituições escolares são mais proeminentes no Brasil, sobretudo a partir dos anos de 1990. No âmbito da História da Educação, este tema tem importante relevância entre os educadores e constitui

Mestranda do Programa de Pós - Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB Campus Vitória da Conquista. Bolsista pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia – FAPESB, e participante dos grupos de Pesquisa Fundamentos da Educação, Cultura e Manifestações Artísticas Brasileiras e Memória Geracional, Políticas Educacionais e Trajetórias Sociais. E-mail: mila-ped@hotmail.com.

** Mestranda do Programa de Pós - Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB Campus Vitória da Conquista. Participante dos grupos de Pesquisa História, Trabalho e Educação e Memória geracional, Políticas Educacionais e Trajetórias Sociais ambos do Museu pedagógico da UESB. Professora do Instituto Federal Ciência e Tecnologia da Bahia – Campus de Vitória da Conquista. E-mail: gilneidepadre@hotmail.com.

***Professora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, doutora em educação pela UNICAMP, com pós-doutorado em Psicologia Social pela UERJ e estágio na Universidad Complutense de Madri. Coordenadora Geral do Museu Pedagógico da UESB, e do grupo de Pesquisa Memória Geracional, Políticas Educacionais e Trajetórias Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade da UESB. E-mail: lrochamagalhaes@gmail.com.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

objeto de pesquisa em distintos Programas de Pós-Graduação em Educação no país. Para além disso, juntos a esses programas tem-se ainda os grupos de pesquisas que debruçam-se sobre a temática dentre os quais é possível mencionar o Grupo do PPGE da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), o PPGE da Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR); a Universidade Nove de Julho (UNINOVE- SP); o mestrado da Universidade de Sorocaba (UNISO); o grupo de Histórias das Idéias e Instituições Educacionais vinculado à PUC-RJ e, ainda, o HISTEDBR com sede na UNICAMP que incorporou recentemente esta temática aos seus estudos.

Por sua vez os grupos de estudos do Museu Pedagógico da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB e o PPG de Memória: Linguagem e Sociedade a ele correlatos tem apresentado estudos relacionados à instituições escolares na região centro-sul da Bahia e sua relação com as teorias da memória. Estudos que tem possibilitando a nossa discussão de pesquisa.

Em um levantamento realizado por Nosella e Buffa (2009) concernentes às pesquisas sobre Instituições Escolares realizadas no período entre 1971 e 2007, os autores relatam que fizeram consultas a acervos de dissertações e teses defendidas nos Programas de Pós-Graduação em Educação de dez ¹⁴⁹ Universidades brasileiras, além de arquivos da ANPED e do INEP e a Base de dados Dedalus/USP e do HISTEDBR e Sociedade Brasileira de História da Educação. Neste levantamento, os autores expõem em dados numéricos a quantidade de pesquisas relacionadas à temática e muito embora não tenham podido definir especificamente seus temas, consideram a pesquisa uma “amostra significativa que permite alguma caracterização e organização desses estudos” ¹⁵⁰. A maioria destes trabalhos constitui em dissertações de mestrados acusando que, suas produções são eminentemente acadêmicas e, portanto revestidas de rigor científico.

¹⁴⁹ USP; UNESP; UNICAMP; PUC-SP; PUC-RJ; UFRJ; UFMG; UFSCAR; UFU; UNIMEP

¹⁵⁰ Cf. Nosella, Paolo e Buffa, Ester. **Instituições Escolares Por que e Como Pesquisar**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2009. (p. 21)



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Para os autores, nas pesquisas referentes às instituições escolares é possível identificar como principais categorias analíticas:

Contexto histórico e circunstâncias específicas da criação e da instalação da escola; processo evolutivo: origens, apogeu e situação atual; vida escolar; o edifício: organização do espaço, estilo, acabamento, implantação, reformas e eventuais descaracterizações; alunos: origem social, destino profissional e suas organizações; professores e administradores: origem, formação, atuação e organização; saberes: currículo, disciplinas, livros didáticos, métodos e instrumentos de ensino; normas disciplinares: regimentos, organização do poder, burocracia, prêmios e castigos; eventos: festas, exposições, desfiles. (NOSELLA E BUFFA, 2009, p.18)

Dentre as categorias mencionadas, é possível notar que não há referência explícita de uma discussão da memória coletiva dos grupos ou de indivíduos que ocupam o espaço institucional escolar. Isto nos leva a crer que ainda há lacunas no estudo da memória no que diz respeito ao uso de categorias analíticas bastante usuais nos estudos sobre outras instituições que perduram no tempo.

Considerando que pesquisar instituições escolares também pressupõe pesquisar sujeitos partícipes de grupos distintos, onde coexistem memórias consensuais e memórias conflitivas, possibilitando desnudar aspectos então ignorados ou “esquecidos” pela história oficial, parece-nos fundamental focar o olhar sobre os sujeitos que vivenciaram esta realidade histórica concreta, as suas impressões e as suas contradições, sobretudo observando o não dito, seus esquecimentos e silêncios.

Diante de tais observações pretendemos ressaltar que estamos tomando o pensamento halbwachiano como um importante referencial para os estudos da memória coletiva que movimenta o interior das instituições escolares. Considerando sua imperiosa contribuição na formulação de conceitos balizares por ele tratados a saber: memória individual, memória coletiva, lembrança, tempo e espaço.



Ainda que já houvesse estudos sobre a memória, a exemplo dos importantes trabalhos de Henri Bergson,¹⁵¹ atribui-se a Maurice Halbwachs¹⁵² (1877-1945), o mérito de transportá-la do domínio individual para o campo coletivo/social. A sua maior contribuição foi a percepção de que, para além do âmbito da mera rememoração, existe a memória como fato social. Em sua obra póstuma “a memória coletiva”¹⁵³ Maurice Halbwachs apresenta uma valiosa colaboração para os estudos da memória social.

Jean Duvignaud, ao prefaciар a obra, arroga o importante questionamento de Halbwachs “O que seria desse ‘eu’, se não fizesse parte de uma ‘comunidade afetiva’ de um ‘meio efervescente’ para situar que “A rememoração pessoal está situada na encruzilhada de redes de solidariedades múltiplas em que estamos envolvidos” (2006, p.12). E, J. - Michel Alexandre ao fazer a introdução do mesmo trabalho, afirma que as pesquisas de Halbwachs “nos permite apreender profundamente que não é o indivíduo em si ou alguma entidade social que recorda, mas ninguém pode se lembrar realmente a não ser em sociedade, pela lembrança ou pela evocação, portanto recorrendo aos outros ou a suas obras.” (2006, p.23)

Embora apresente uma distinção entre memória individual e memória coletiva, Halbwachs assinala que mesmo individual, ela abrange dimensões coletivas, haja vista que as lembranças individuais podem ser reforçadas amparando-se nas lembranças de outro indivíduo ou do grupo ao qual pertence.

Nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos

¹⁵¹ Sobre tal assunto conferir o trabalho: BERGSON, H. **Matéria e Memória**. São Paulo, Martins Fontes, 1999.

¹⁵² Discípulo de Durkheim, Halbwachs acrescentou aos seus estudos algumas ideias defendidas por seu mestre. A principal delas é considerar que o coletivo define o individual, ou seja, a sociedade sobrepuja o indivíduo. Em sua obra “Os contextos sociais da memória” (1925), Halbwachs persiste na idéia, ao mostrar a impossibilidade de conceber o problema da recordação e da localização das lembranças sem tomar como ponto de referência os contextos sociais que constituem a base para a construção da memória (DUVIGNAUD, 2006, p.7-8).

¹⁵³ Halbwachs se dedicou a diferentes temas, contudo foi no campo da memória onde mais aprofundou os seus estudos que estão sistematizados em três grandes obras: *Os quadros sociais da memória* (1925), *Topografia legendária dos Evangelhos na Terra Santa* (1941) e *A memória coletiva* (1950).



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem [...] (HALBWACHS, 2006, p. 26).

As lembranças de um evento fazem-se mais facilmente presentes no indivíduo quando ele participa de um determinado grupo e nele compartilha as experiências. Os testemunhos constituem importantes instrumentos da memória, pois ao subsistirem, denotam que quem os relata participou de algum modo do acontecimento - seja como ouvinte, seja como ator - e dele fez permanecer traços de lembranças. Se forem esquecidos, é em razão das experiências que não são mais compartilhadas pelo indivíduo ou pelo grupo, ou seja, não há mais um sentimento de pertencimento por parte daquele que, embora tenha compartilhado da experiência, não consegue recuperar a mesma lembrança. Portanto, não se trata de rechaçar a ideia da memória individual, mas apenas de compreender que esta memória está inserida em diferentes contextos, com a participação dos indivíduos pertencentes ao grupo, ou seja, a memória individual se converte numa memória coletiva. Ambas estão intimamente relacionadas e, embora categoricamente distintas, elas são interdependentes.

Halbwachs exemplifica sua assertiva a partir da relação aluno professor e ressalta que ao tentar trazer à lembrança acontecimentos vivenciados com a turma, o docente não se recorda posto que a função por ele exercida não se constitui distinta relação além da que acontece com suas demais turmas. No entanto, entre os alunos, por estabelecerem relações mais próximas e por compartilharem das mesmas expectativas, dos mesmos anseios e experiências, as recordações são mais facilmente evocadas. “Como eles (os alunos) têm quase a mesma idade, pertencem talvez ao mesmo ambiente social, não esquecerão de terem aproximado sob o mesmo professor” (HALBWACHS, 2006, p.34)



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Este mesmo exemplo pode ser tomado para ratificar o que Halbwachs já vem tratando acerca da memória individual diante da memória coletiva. Quando as lembranças individuais não mais participam das lembranças coletivas, mesmo quando evocadas por meio de um testemunho, é porque o indivíduo há muito tempo, não participa da memória do grupo ao qual pertenceu.

Ao examinar essa intrínseca relação, Halbwachs ainda acrescenta que as palavras e as ideias constituem importantes elementos da memória individual. Elas não são inventadas pelo indivíduo, mas são como que “tomadas de empréstimo” do ambiente que frequenta. Dito de outra forma, o ato de lembrar é, primariamente, do indivíduo, contudo o que lembrar é determinado pelos grupos sociais.

Isto posto, Halbwachs chama atenção para o fato de que os grupos sociais compõem a memória coletiva a partir de suportes sociais que a antecedem e determinam, nomeados de “quadros sociais da memória”. Estes se apresentam dentro de uma temporalidade que a formata e em lugares e grupos que a definem. Embora tenha analisado a formação de alguns desses quadros tais como os da família, da religião e do trabalho, Halbwachs afirma existir muitos outros. Para ele, as recordações apresentam-se de modo diferenciado entre os indivíduos haja vista que, cada um deles, possui uma trajetória de vida singular e, ao longo dela, vai adquirindo diversas combinações dos quadros sociais já instituídos.

Frente a isto é compreensível o entendimento deste autor de que não existe uma memória coletiva, mas várias memórias coletivas, pois um mesmo indivíduo pode, ao mesmo tempo, pertencer a vários grupos. Este pertencimento pode ser em um grupo do qual ele faz ou já fez parte e com o qual existe uma identificação e vivências comuns. A memória coletiva é uma memória social, porque o grupo está inserido na sociedade, mas não se confunde com esta. Para ele a memória social diz respeito à sociedade como um todo, é composta pelo conjunto de memórias coletivas daquela sociedade. Sendo assim, se cada indivíduo tem uma lembrança



diferente de algum fato, é porque cada um deles tem a sua trajetória de vida, que é única, e é fortemente marcada pelos quadros sociais.

No que concerne às discussões sobre a permanência de uma memória no grupo, a proposição de Halbwachs é a de que a memória coletiva dura enquanto o grupo compartilhar das mesmas lembranças e com elas se identificar. Para Halbwachs, diferente da história¹⁵⁴, não há uma memória universal. Há, contudo, uma totalidade de lembranças em um mesmo espaço e tempo que extrapola a visão da história comum a toda uma sociedade. As lembranças são tomadas a partir da memória dos grupos que as guardam. A família, a escola, um partido político, um grupo religioso, cada um deles remete, cada grupo, a uma determinada lembrança que, de alguma maneira se assemelham e se distinguem a depender das situações vividas.

Sendo assim, o interesse de Halbwachs referente à memória coletiva está em enfatizar as permanências das memórias nos grupos tendo em vista que o indivíduo que lembra hoje não é mais o mesmo que vivenciou o ocorrido e, portanto, carrega uma memória que não é exatamente a de outrora podendo não ocupar o mesmo lugar no presente.

Enfim Maurice Halbwachs ressalta que para evocar uma lembrança é necessário situá-la num determinado tempo e espaço. Destaca que “toda memória coletiva tem como suporte um grupo limitado no tempo e no espaço”(Ibdem, p. 106). Entretanto na sua concepção, embora uma representação coletiva do tempo seja necessária e indispensável para organização da vida em sociedade, essas divisões não são universais, ou seja, as divisões do tempo têm significados diferentes para cada grupo social, para o autor “não há um tempo universal e

¹⁵⁴Halbwachs apresenta algumas distinções entre história e memória, uma delas é a de que a história é caracterizada especialmente pelo caráter de registro do passado através da escrita, enquanto que a memória advém dos testemunhos de uma época, remontando sempre a um presente em movimento. (HALBWACHS, 2006, p. 102). É importante notar que este conceito de história como registro escrito foi pensado por Halbwachs nas primeiras décadas do século XX.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

único, mas a sociedade se decompõe em uma multiplicidade de grupos, cada um com sua própria duração”. (Ibdem, p. 153).

Este tempo que regula a vida dos grupos não apresenta a mesma natureza nem a mesma ocupação. O habitante da cidade, por exemplo, não pode comparar o seu tempo com o do habitante do campo, pois a ordem de ocupações deste não é comparada às ocupações vividas pelo outro. Diante desta realidade, não há como dizer que em uma sociedade, o tempo passa lento ou rápido demais tendo em vista que ao evocar uma lembrança, o indivíduo pode percorrer em instantes intervalos de tempo mais curtos ou mais longos e remontar ao curso de uma duração com uma velocidade que pode variar de um grupo a outro, ou ainda de um indivíduo a outro indivíduo ou grupo. (ibdem, 2006, p.145-46)

Para Halbwachs os quadros da memória coletiva não conduzem a datas exatas, isso porque essa memória é uma corrente de pensamento contínuo que só retém do passado aquilo que está vivo na consciência individual ou do grupo. Nessa continuidade não há linhas de separação claramente traçadas, mas limites irregulares e incertos. Sem nos lembrarmos de um dia, podemos recordar um período. À medida que se distanciam os acontecimentos são recordados sob a forma de conjuntos.

Ao situarem a sua memória no tempo, as pessoas automaticamente também a situam no espaço, “é menos o tempo do que o panorama espacial que intervém” (Ibdem, p. 124). Nos testemunhos das pesquisas em instituições escolares poderão ser frequentes as sentenças que evocam os espaços de vivências dos grupos, como “lá na escola”, “lá no pátio do recreio”, “na sala de professores era assim...”, “no meu tempo a escola” entre outras, os quais não devem ser considerados sem observar que as divisões do tempo têm significados diferentes para cada grupo social.

A assertiva também é verdadeira para um dado espaço, que é recortado por cada sociedade à sua maneira, não há aí introduzida a constituição de um contexto fixo chamado escola, espaço escolar, instituição que sintetiza uma memória que na



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

verdade nos brinda com a imagem de uma realidade, mas que cuja imagem de permanência e estabilidade precisa ser apreendida a partir de seus grupos de referência e suas marcas deixadas sobre esse espaço.

Destarte, o espaço se constitui numa condição essencial de existência dos grupos sobre o qual Halbwachs assegura:

O espaço é uma realidade que dura: nossas impressões se sucedem umas às outras, nada permanece em nosso espírito e não compreenderíamos que seja possível retomar o passado se ele não estivesse conservado no ambiente material que nos circunda.(HALBWACHS, 2006, p. 170)

Há também que se questionar se os lugares, com sua estabilidade, garantem a continuidade da memória dos grupos e, por sua vez, se esta estabilidade promove a ilusão da permanência no tempo e propicia o encontro do passado no presente ou, se há incluída uma visão de mundo construída hegemonicamente pelos grupos de referência na escola, entre outros aspectos.

Para Halbwachs no processo de recorrência à memória coletiva, o espaço tem um papel de destaque, pois além de contribuir com a rememoração da maneira de ser de cada pessoa, também colabora com as lembranças dos costumes, pessoas e relações sociais vinculadas ao grupo, entre outros. Frente a isso, estudar instituições escolares é considerar suas expressivas permanências, mas também transformações. Supondo a análise das categorias analíticas – contexto histórico, processo evolutivo, vida escolar, alunos, professores, administradores, saberes, etc. – é, todavia no **“edifício: organização do espaço, estilo, acabamento, implantação e eventuais descaracterizações”** que se assegura certa continuidade diante das rupturas porque passa o grupo ao longo de seu processo histórico.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

CONCLUSÕES

É evidente a importante contribuição de Maurice Halbwachs quando em seus estudos pioneiros, retira os estudos da memória exclusivamente do campo psicológico e atribui-lhe um caráter social, coletivo. Diante do esboço apresentado, pretendemos destacar que, com a teoria da memória esquematizada por Maurice Halbwachs é possível constituir um importante aporte para os estudos das instituições escolares a luz da teoria da memória coletiva. Uma discussão que, todavia ainda tem sido apropriada pelos estudos em História da Educação.

Sem abdicar a relação dialética entre a totalidade e a particularidade, avaliamos fundamental não desconsiderar que Maurice Halbwachs trouxe relevantes contribuições que podem propiciar um pensamento para as percepções produzidas pela memória coletiva que por sua vez se organiza a partir das diferentes combinações dos quadros sociais previamente instituídos e asseguram a coesão do grupo e o sentimento de pertinência entre seus membros, inferindo, portanto, uma inerente relação entre as múltiplas memórias coletivas. Memórias estas que permeiam o cotidiano das instituições escolares e, portanto, não devem ficar à revelia dos estudos em História da Educação. Naturalmente sem desprezar a filiação teórica que orienta o estudo da memória coletiva, mas considerando um debate que ao longo dos anos, tem levantado importantes revelações.

REFERÊNCIAS

- GONÇALVES, Regina Célia. A história e o oceano da memória: algumas reflexões. **Saeculum – Revista de História**, n 4/5, jan/dez 1998/1999. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/srh/article/view/11238>>.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.
- LOMBARDI, José Claudinei; CASIMIRO, Ana Palmira S; MAGALHÃES, Livia Diana Rocha. (orgs). **História, Memória e Educação**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2011.
- NOSELLA, Paolo e BUFFA, Ester. **Instituições Escolares: Por que e Como Pesquisar**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2009.
- SANTOS, Myriam Sepúlveda dos. **Memória Coletiva & Teoria Social**. São Paulo: Annablume, 2003.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

SCHIMIDT, Maria Luisa S. e MAHFOUD, Miguel. Halbwachs: Memória Coletiva e experiência. **Psicologia USP**, n. 4, 1993, p. 285-298. Disponível em:http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1678-51771993000100013&script=sci_arttext.